



A SAGA DOS PRIMEIROS AVENTUREIROS

Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Mucuri, ed.1, n.1, 2010,p.11-19

Íris Soriano Nunes Miglio

Professora, graduada em língua e literatura francesa pela Universidade de Nancy-França e presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Mucuri

“Não tem fim o fascínio e a emoção de colecionar gemas preciosas. Diz uma lenda oriental que elas são tesouros que aumentam a gula das mulheres e o desassossego dos homens”.

Petrônio Miglio

O estranho fascínio pelas pedras preciosas se perde na noite dos tempos; os reis e chefes das primeiras comunidades humanas fizeram das gemas seus marcos distintivos, como símbolos de poder e riqueza. As narrativas dos textos bíblicos nos fornecem detalhes sobre o poder e os valores simbólicos das pedras. Os sumos sacerdotes hebreus exibiam em seu peitoral doze pedras que simbolizavam as doze tribos de Israel. O rei Salomão, “em toda a sua grandeza”, (Mateus-6-12-25) se vestia com mantos ornados de pedrarias.

A atração misteriosa das pedras preciosas atingiu, também, a Igreja Cristã, que incapaz de combater seus símbolos pagãos, mudou sua significação, atribuindo, entre outras, uma pedra para cada um dos apóstolos.

Na idade Média, os cruzados acreditavam no poder de proteção das gemas vermelhas, buscavam encontrar o Santo Graal, que além de seu valor religioso, teria sido feito de uma única esmeralda e, ainda atribuíam poder maléfico a certas gemas.

Durante o Renascimento, era usual a administração do pó de pedras preciosas para cura de certas doenças.

O fausto das cortes de reinos europeus, segundo relato de viajantes da época, estendia-se às vestimentas das princesas, as quais eram ornadas de tantas pedrarias, que o peso as impedia de se movimentar com facilidade, durante as cerimônias.

Mais faustuosas eram, ainda, as cortes dos monarcas orientais, que exibiam em seus trajes, excepcionais rubis. Outrossim, pelas lendas e histórias relacionadas com o Oriente, aparecem sempre as gemas como centro de atração e significação de tesouro. As Histórias de Mil e uma Noites, introduzidas na Europa, no século XIX, apresentam o mundo maravilhoso da riqueza, representada pelas gemas, especialmente com o personagem Ali Babá e a gruta encantada, cheia de pedrarias e ouro.

E assim foi, no decurso dos séculos, a busca da riqueza, a sede dos aventureiros para encontrar na natureza tesouros adormecidos, escondidos pelo seu capricho. E o Brasil, desde o seu descobrimento, apareceu aos olhos de Portugal, como uma terra com possibilidades imensas de fornecimento de ouro, diamantes, esmeraldas, para valorização do trono real. As lendas de montanhas de esmeraldas chegavam aos ouvidos dos portugueses. E os que para aqui vieram tinham o essencial propósito de enriquecer e voltar para sua pátria europeia: as pedras preciosas e o ouro eram o meio mais fácil de atingir seus objetivos. Esses sonhos moveram os homens, que ficaram na nossa história, como os aventureiros que adentraram florestas densas, fazendo parte das famosas Entradas e Bandeiras.

E foi a região do Mucuri o primeiro ponto do território nacional a ser visitado por expedicionários portugueses. Em 1550, o rei Dom João III, informado de “uma serra resplandecente”, cheia de pedras verdes, no Brasil, ordenou ao governador geral da colônia a tarefa de organizar uma expedição para penetrar no sertão e “descobrir minas de pedras preciosas e saber se havia aí ouro”. Chefiados por Martim Carvalho, partiram de Porto Seguro, chegaram até o córrego do Ouro, que faz barra com o rio Todos os Santos e atingiram a serra do Tombo Virou. Lá, teriam passado ao longo das cordilheiras que dividem o rio Pampã e cabeceiras do rio Alcobaça, como também os córregos do Pavão e Novo, afluentes do Mucuri. (Memória Histórica e Geográfica do Município de Jequitinhonha – Frei Samuel Tetteroo).

Os homens da expedição não encontraram a serra resplandecente, que acreditavam ser de esmeraldas; colherem apenas alguns grãos de ouro, que segundo Tetteroo, foi o primeiro ouro descoberto na Brasil. Retornaram sucumbidos por doenças, fome e padecimentos característicos da vida na selva.

Entretanto, outras expedições, sucederam aos homens de Martim Carvalho. A expedição de Espinhosa-Navarro (1553 ou 1554) fez o mesmo roteiro da anterior, conforme dizeres de carta do Padre Navarro. Depois, em 1573, Sebastião Fernandes Tourinho partiu de Porto Seguro, e em canoas, subiu o rio Doce e Jequitinhonha, logrando encontrar nas terras adjacentes, “uma pedreira de esmeraldas e uma outra de safiras, junto à lagoa, em distância de 50 a 60 léguas”. Certamente, a lagoa encontrada por Tourinho deve ser a Vupabuçu, ou Lagoa da Água Preta, situada em terreno da antiga Filadélfia. Por sua vez, a expedição de Sebastião Fernandes Tourinho despertou o interesse do governador Luiz de Brito e Almeida, que designou Antônio Dias Adorno para chefiar nova expedição, que explorou a região do rio Cricaré, hoje São Mateus, cujas nascentes, também estão em área da outrora Filadélfia. Mais tarde, o mestre de campo João da Silva Guimarães estabeleceu-se na região e explorou as nascentes do rio São Mateus, extraindo pedras preciosas e ouro.

A fama das riquezas de nossa região atraiu, também, a cobiça do célebre bandeirante paulista, Fernão Dias Paes Leme, que, em 1673, chegou até a lagoa de Vupabuçu, e teve a glória de encontrar as famosas esmeraldas. Por infelicidade,

entretanto, contraiu impaludismo, e veio a falecer próximo do Sumidouro, rio das Velhas.

Outras expedições de sucederam no século XIX, sendo a de Teixeira Guedes, em 1829, a que mais esperança despertou nos seus aventureiros, e chegaram mesmo a encontrar indícios, no rio Todos os Santos, de existência de pedras coradas. Entretanto, aterrorizados com um ataque brutal de índios botocudos que, com requintes de crueldade, mataram um “língua” da expedição, decidiram abandonar a caça aos tesouros que buscavam.

Em 1836, o presidente da província de Minas Gerais, desembargador Antônio da Costa Pinto, (trisavô do ex-deputado Aécio Ferreira da Cunha) ordenou ao engenheiro francês Pedro Victor Renault que explorasse as matas do Mucuri e Todos os Santos, com a finalidade de escolher um local para construção de uma colônia para “degradados e vagabundos”. Mas mostrou também ter interesse pelas riquezas minerais da região. Pelo relatório apresentado, sabe-se que, embora não tenha encontrado indícios de minerais valiosos no rio Todos os Santos, o cientista trouxe crisólitas e águas marinhas, retiradas do ribeirão das Americanas. Dentre elas, um berilo de duas libras e meia, que o rei Dom João VI presenteou ao imperador francês Napoleão I, e hoje está no Museu do Louvre, sob a forma de um copo.

Outrossim, o célebre naturalista francês, Saint-Hilaire esteve na nossa região e deixou muitos escritos sobre suas riquezas minerais.

As lavras da Bahia eram, também, procuradas pelos aventureiros de Filadélfia. Essa procura deu-se em 1890, sobretudo para a lavra de Sá Lobo, muito famosa na época. Para lá foram Gustavo Bamberg e João Soares da Costa, fascinados pela possibilidade de descobrir tesouros. Não tiveram êxito. Embora tenham sido um dos fundadores do Hospital Santa Rosália, da nossa cidade, morreram de febre palustre, naquela lavra, sem receber nenhuma assistência hospitalar.

No século XX, muitos aventureiros chegaram à nossa região, não só interessados na garimpagem de pedras preciosas, como também, no seu comércio. Havia alguns que faziam o comércio e garimpavam junto com homens já acostumados com a lida. Outros financiavam as despesas de extração para depois participar da divisão da colheita.

Assim, em 1910, chegou à Araçuaí, como pioneiro, e depois veio para Teófilo Otoni, o alemão Augusto Zimmer, exímio lapidário e também comerciante. Dessa época, assinala-se a chegada na região de Hugo Zimmer, o qual se estabeleceu em Padre Paraíso com uma lavra famosa pelos crisoberilos. Vale lembrar, também, o italiano Francisco Esperanza, que morou na nossa cidade, trabalhou na exportação de pedras, especialmente turmalinas de Fortaleza, hoje Pedra Azul.

Outro comerciante de pedras, nas décadas de 30 e 40, foi o libanês Salim, que viajava por toda a Europa, com a esposa Dona Hermínia, levando pedras preciosas variadas. Dotado de grande simpatia pessoal, alegre, vivia sempre rodeado de amigos e desfilava pelas ruas de Teófilo Otoni, com uma limousine importada, raridade na época. Ele construiu um casarão na rua Getúlio Vargas, que depois passou a pertencer à família de Guilherme Landi, mas, já foi demolido.

Segundo Fany Moreira, sócia efetiva do Instituto Histórico e Geográfico do Mucuri, que fora vizinha de Dona Hermínia, ela não teve filhos, e enviuvando-se, passou a viver sozinha e saía com uma sombrinha, que considerava sua arma para se defender. Figura folclórica, adorava mostrar as fotos dos tempos áureos, das viagens de vapor, das pessoas famosas que conheceu.

Outro aventureiro da família Bamberg foi Feliciano, filho do austríaco Gustavo. Casou-se aqui com Francisca Lopes. Destacou-se, também, como um dos precursores

do comércio de pedras com a Europa. Desde 1908, ia à Alemanha, especialmente Leipzig, levando gemas do Mucuri.

Na década de 1950, da lavra da Ariranha, situada na margem esquerda do Mucuri, foi retirado um cristal de cinco toneladas por José de Anselmo. O cristal gigante causou grande sensação; foi transportado da mata para Teófilo Otoni, em cima de uma zorra, puxada por 10 juntas de bois. Foi o Sr. José Tomich quem executou o trabalho até a estação da Bahia e Minas. Transportado por trem, o cristal chegou até Caravelas, e de lá, de vapor até o Rio de Janeiro, para, finalmente, ser levado até Belo Horizonte, onde ficou exposto na Feira de Amostras, promovida pelo então governador Israel Pinheiro.

Famoso frequentador da lavra Papa-Mel, em Marambaia, foi o sírio David Mussi Assir, que teve a sorte de tirar uma água-marinha de 105 quilos, nos idos de 1908. Na mesma ocasião o “lendário” José de Anselmo, *bamburrou*, com o descobrimento de 10 mil quilos de cristais da rocha.

O comércio de pedras, como muitos outros produtos, depende, além de modismos, da conjuntura econômica de países líderes da economia capitalista, de suas crises financeiras. Assim, foi, em 1929, quando sofreu uma profunda desaceleração, em consequência da “Grande Depressão” dos Estados Unidos, que seguiu ao “crash” da Bolsa de Nova York, a qual representava o termômetro econômico do mundo capitalista.

De 1933 a 1937, a situação da economia mundial desanuviou com a criação do *New Deal*, do presidente Roosevelt, e novamente a esperança voltou a animar nossos aventureiros. Nesse período, em Teófilo Otoni, despontavam novos garimpeiros-comerciantes. Deixaram marcas o José de Né, o Aristóteles, o Tertulino Ferreira Martins, Joel de Souza, o Chaves, Germano Augusto de Souza – Maninho-, o tenente José Alves Ferreira, que foi farmacêutico prático em Marambainha. Embora com pouca escolaridade, eram pessoas de raro tino para negócios, e o mais importante, dotados de raciocínio rápido, condição essencial para o comércio de pedras preciosas.

Na década de 50, foi a vez dos aventureiros do Mucuri buscarem novos mercados, fazendo, especialmente, a América. Abrindo o caminho, Petrônio Miglio organizou com seu irmão Fausto, a firma Petrônio Miglio & Cia Ltda, destinada, sobretudo, à exportação de gemas. Petrônio largou a profissão de professor de inglês, e nos Estados Unidos, estabeleceu contato com fabricantes de joias, colecionadores de pedras preciosas, engenheiros interessados em minerais, museus de mineralogia; fez palestras em clubes da especialidade, escolas de joalheiros e agências de viagens, no intuito de trazer para nossa região turistas, desejosos de conhecer lavras.

Logo, outros companheiros partiram em busca desse novo mercado e atraíram, também, para nossa cidade, compradores que aqueceram o mercado, nas décadas seguintes.

E como era a vida das mulheres dos primeiros aventureiros? Geralmente, com muitos filhos para cuidar, entre o sonho de ver o marido voltar com boas notícias das lavras, conviviam com as dificuldades de manter a família, sozinhas. Toda essa atmosfera de sonho, esperança, saudade e angústia dos garimpeiros e sua família, foi retratada por Sylvio Ganem, frequentador de lavras, em seu livro *As Três Pedras*. Um registro autêntico do estado de espírito do garimpeiro, sua ânsia de tirar das entranhas da terra o tesouro, que poderia saciar uma sede, que é como um jogo a vencer com a natureza, que traz escondido, debaixo da terra, o número da sorte, em não se sabe onde! No sonho desses homens está sempre a mulher amada, os filhos, que desejam que tenham uma vida melhor.

Muitas dessas mulheres acompanhavam o marido na labuta das lavras. Conhecemos dona Benta Scopel e dela ouvimos relatos do período em que trabalhava com o marido, Abrahão Ramos da Silva, nos idos de 1956, pelas lavras da região. Pegava na pá e picareta e nas lavras do córrego do Ouro, Ibiruçu, Fundão, enfrentava a lida de atacar o “emburrado” seguindo sinais que indicavam a possível presença de gemas.

O progresso de Teófilo Otoni e região, no século passado, se deve, em particular, ao comércio de pedras. Era usual a sociedade de cidadãos comuns da região com garimpeiros, em trabalho de lavra. A garimpagem e comércio de pedras, então, traziam recursos que animavam a economia da cidade. Jules Sauer registra em seu livro *Brasil-Paraíso das Pedras Preciosas*, que em 1982, nossa cidade contava com 14000 garimpeiros.

Este panorama foi se transformando com o advento de leis que vieram regulamentar a profissão de garimpeiro e proteger o meio-ambiente das destruições de terrenos, decorrentes das escavações feitas na lavras.

Assim, pela Constituição de 1988, o poder público concedeu destaque à profissão de garimpeiro, reconhecendo na atividade valor econômico relevante. Como decorrência, em 1989, nova legislação específica surgiu com a Lei 7805, que entre outros preceitos, estabeleceu a obrigatoriedade da recuperação das áreas de lavras, degradadas pela prospecção. Por fim, em 2008, veio à luz o Estatuto dos Garimpeiros, instituído pela Lei 11.685, com a responsabilidade de disciplinar os direitos e deveres da profissão de garimpeiro, definindo as modalidades de trabalho permitidas em lavras.

A adaptação dos garimpeiros aos novos tempos tem sido muito difícil. Segundo Robson Caio Andrade, grande conhecedor do trabalho e das histórias das lavras, e que esteve, por longos anos, à frente do Sindicato dos Garimpeiros de Teófilo Otoni, hoje, nossa cidade conta com cerca de 340 lapidações, contra 2700 que possuía há 20 anos. Também, informou-nos que 80% dos garimpeiros da região desistiram da profissão.

Entretanto, a chama que sempre animou os aventureiros na busca das belezas coloridas do nosso subsolo, o fascínio que as pedras exercem sobre quem as buscam e sobre quem as adquire – seja para uso próprio ou para enfeitar uma mulher – isso nunca terá fim. Por isso, lembramos que as crises que o setor passou sempre foram vencidas, e agora não será diferente. Nossos aventureiros vão, certamente, saber enfrentar os atuais desafios, tendo a sabedoria de se adequar às novas regras, garantindo ao meio ambiente o respeito que as futuras gerações esperam de todos.

Referências:

- FERREIRA, Laís Ottoni Ferreira. *Raízes Mineiras*. Rio de Janeiro: Del Rey Indústria Gráfica, 2005.
- GANEM, Sylvio. *Três Pedras*. Teófilo Otoni: Gráfica Expresso Ltda, 2002.
- MIGLIO, Petrônio. *A Saga dos Primeiros Aventureiros*. Teófilo Otoni: Revista The Mine/GEA, 1995.
- PORTO, Reynaldo Ottoni Porto. *Notas Histórias do Município de Teófilo Otoni*. Tipografia Mucuri: Teófilo Otoni, 1928.
- RENAULT, Pedro Victor Renault. *Exploração dos Rios Mucuri e Todos os Santos*. Revista do Arquivo Público Mineiro, 1903, p.4-8.
- SAINTE-HILAIRE, Auguste de. *Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. São Paulo: Itatiaia, 1975.
- SHUBNEL, Henri Jean. *Les Pierres Precieuses*. Rio de Janeiro: Gráfica Rieux. Rio de Janeiro, S.d.
- TETTEROO, Frei Samuel. *Notas Históricas e Corográficas sobre o Município de Teófilo Otoni*. Teófilo Otoni: Tipografia São Francisco, 1919.